

Relacionamentos amorosos nas telenovelas: consumo e retrato da sociedade do século XXI

Marcus Tavares

Jornalista e professor. Doutorando em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio). Mestre em educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Editor da revista pontocom, especializada em mídia e educação, da OSCIP Planetapontocom.

E-mail: marcus.tadeu@uol.com.br

Resumo: Tomando como base as histórias das novelas do horário nobre da Rede Globo, no período de 2000 a 2008, o texto tem o objetivo de refletir sobre as relações amorosas e/ou sexuais da atualidade – veiculadas pelos folhetins e que encontram eco na realidade. Relações que se apresentam sob as mais diferentes formas e contextos. Seria essa diversidade de relações característica da sociedade atual, de uma modernidade líquida? Vivemos o amor confluyente, baseado nos interesses pessoais? O indivíduo do início do século XXI deseja, na verdade, ter asas e criar raízes? Qual é o lugar que a telenovela ocupa na construção do imaginário social sobre o que é ser homem e mulher? Ela cria ou reproduz? Qual é o impacto das narrativas na educação das novas gerações? O que a escola tem a ver com isso?

Palavras-chave: Telenovela, gênero, sexo, ensino, educação.

Abstract: Based on the stories of the Rede Globo 8 o'clock telenovelas, from 2000 to 2008, this article aims to reflect on the love and/or sexual relationships in actuality – veiched by feuilletons and which echo in reality. These love and sexual relationships are presented under the most different shapes and contexts. Would this diversity of relationships be characteristic of the contemporary society, of the liquid modernity? Do we live the confluyente love based on personal interests? Do the individual, in the beginning of the XXIst century, in reality want to have wings and fix roots? Which is the place of telenovela in the building of social imaginary on what is to be a man and a woman? Does it create or reproduce? Which is the impact of narratives in the education of new generations? What has school to do with it?

Keywords: Telenovela, gender, sex, teaching, school.

No Brasil, a televisão se constitui num forte elo de identidade nacional. Diante dela, os brasileiros se veem, se informam, aprendem, torcem, riem e choram. A TV está presente em praticamente todos os cinco mil municípios

Recebido: 25.04.2011

Aprovado: 08.07.2011

do território nacional, ao contrário de outras mídias, como o rádio, o cinema, o jornal e até mesmo o computador conectado à internet. Trata-se do sexto maior parque de receptores de tevê instalado no mundo. A TV é mais importante do que a própria geladeira. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/2009), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que 95,7% dos domicílios têm televisão contra 93,4% com geladeira.

É exatamente nos domicílios que a televisão ocupa lugar de destaque. Em muitas famílias, as atividades corriqueiras da semana, como a hora de dormir, de ir ao banheiro, de estudar ou de quando serão feitas as refeições, são realizadas, organizadas e mediadas de acordo com a grade de programação da TV, sempre à disposição, oferecendo companhia a qualquer hora do dia ou da noite, funcionando como um símbolo de identificação individual e coletiva.

De um simples eletrodoméstico dos anos 1950, a TV transformou-se em um poderoso produto da indústria cultural, alicerce da sociedade de consumo, pelo qual são fornecidas referências que contribuem para a constituição do imaginário e da representação social de classe, de etnia, de nacionalidade. De família, de valores, de moda, de ações e pensamentos. De ser e estar no mundo. Do que é certo ou errado, do moral ou imoral. Do que é ser homem ou mulher. Menino ou menina. De identidade.

A INFLUÊNCIA DA TELENOVELA

Dentre todos os produtos da televisão brasileira, a telenovela é um dos que mais contribui para a criação e o estabelecimento dessas identidades. Inspirada no folhetim, na literatura originária da França, a telenovela propicia, diariamente, e em horário nobre, a expansão e o debate de dramas privados em questões públicas e de dramas públicos em questões privadas.

Em 1992, por exemplo, a Rede Globo resgatou a história dos jovens brasileiros que lutaram e resistiram à ditadura. No ar, era exibida a minissérie *Anos rebeldes*, de Gilberto Braga, com os mesmos elementos da narrativa novelesca. Narrativa que, segundo a mídia da época, foi em grande parte responsável pela volta dos estudantes às ruas, sob o fenômeno que ficou conhecido como *Caras pintadas*, que pedia o *impeachment* do então presidente da República, Fernando Collor de Melo.

Outro exemplo vem da novela *Mulheres Apaixonadas*, de autoria de Manuel Carlos, de 2003, também veiculada pela Rede Globo. Parado na pauta de discussões do Congresso Nacional, o Estatuto do Idoso foi retirado da gaveta, reapresentado, colocado em votação e aprovado pelos parlamentares. O folhetim debatia o dia a dia de um casal de idosos que era desrespeitado pela própria neta dentro de casa. A narrativa mobilizou a imprensa, a sociedade e suscitou diversas discussões.

Na mesma novela, uma mulher era espancada pelo marido, com uma raquete. A emissora afirma que a trama ajudou a colocar na pauta do dia a formulação de uma nova legislação de combate à violência contra a mulher no

Brasil. De fato, medidas foram tomadas. O Governo federal promulgou, inclusive, uma nova legislação. Na época, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva destacou: “Mulheres do mundo, uni-vos contra os raqueteiros”¹, fazendo uma referência ao personagem da novela que usava a raquete para bater em sua mulher.

Na historiografia da teledramaturgia brasileira, exemplos não faltam de como a narrativa exerce impacto e influência sobre o cotidiano dos telespectadores. O economista Alberto Chong, que coordenou dois estudos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) sobre o impacto da telenovela brasileira, afirmou que os folhetins vêm “moldando”² as famílias em pelo menos dois aspectos: menos filhos e mais divórcios. De acordo com as pesquisas, quando a protagonista de uma novela era divorciada ou não era casada, a taxa de divórcio aumentava, em média, 0,1 ponto porcentual.

Os estudos feitos pelo BID reforçam o que muitos pesquisadores³ do Brasil e da América Latina, como Barbero, Duarte, Fischer, Fuenzalida, Orozco e Vilches, vêm constatando há anos: o forte impacto que a TV, e por consequência a telenovela, exerce sobre a identidade das pessoas.

Porém, até que ponto as telenovelas realmente criam e estabelecem novos modelos? Esses novos modelos não seriam características já preexistentes e em sucessiva transformação na sociedade? Características essas que, ao serem divulgadas por um veículo de massa, alcançam, sim, uma repercussão sem precedentes – estabelecendo, na maioria das vezes, uma aceitação, uma homogeneização, uma padronização dessas características que têm impacto sobre as condutas, valores e identidades dos indivíduos? Creio que sim.

RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA TELA

Peguemos, por exemplo, um tema bastante recorrente nas tramas: os diferentes tipos de relacionamentos amorosos e/ou sexuais vivenciados pelos personagens. Ao analisar as treze novelas veiculadas pela Rede Globo, no horário das 21 horas, entre os anos 2000 e 2008, percebe-se que todo o conjunto de tipos de relacionamentos amorosos e/ou sexuais, apresentado pelos folhetins, está diretamente ligado a uma dada concepção do novo papel desempenhado pelo homem, pela mulher e pela própria família no cotidiano da sociedade do início do século XXI.

De uma forma geral, observam-se nas treze tramas os seguintes tipos de relacionamentos: a) relacionamentos extraconjugais, inclusive com o nascimento de filhos, reforçando o machismo ou então o *direito* que a mulher também tem de, assim como os homens, trair o cônjuge; b) relacionamentos entre primos, cunhados e membros da mesma família; c) relacionamentos curtos e descartáveis, em que o objetivo é apenas a satisfação pontual e sexual dos personagens, que passam a novela inteira *ficando* com outros personagens da trama, mantendo relações tanto heterossexuais quanto homossexuais e reforçando, inclusive, os estereótipos do homem “*conquistador*” e da mulher “*fácil*”; d) relacionamentos curtos e descartáveis com nascimento de filhos; e) relacionamentos homossexuais

1. Ver: <<http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2003/not20030827p8846.htm>>.

2. MENDONÇA, Martha. Alberto Chong – As telenovelas moldaram o Brasil. Economista do BID afirma que a novela ajudou o país a aceitar o divórcio e a criar famílias menores. *Época*, n. 561, 16 fev. 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI26593-15228,00-ALBERTO+CHONG+AS+TELENOVELA+S+MOLDARAM+O+BRA SIL.html>>.

3. BARBERO, J. Martín; REY, Germán. *Os exercícios do ver*. São Paulo: Senac, 2004; FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O mito na sala de jantar*. Porto Alegre: Movimento, 1984; FUENZALIDA, Valério. *Televisión abierta y audiencia em América Latina*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002; OROZCO, Guillermo G. *Televisión, audiências y educación*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001; VILCHES, Lorenzo. *La televisión: los efectos del bien y del mal*. Barcelona: Piados, 1993.

NOVELAS DA REDE GLOBO 21 HORAS – 2000 A 2008 ===== TIPOS DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS E/OU SEXUAIS																					
Relacionamento geracional Homem + idade / Mulher+ nova	X	LAÇOS DE FAMILIA 5/6/2000 - 2/2/2001 Manoel Carlos																			
Relacionamento geracional Mulher + idade / Homem + novo	X	PORTO DOS MILAGRES 5/2/2001 - 29/9/2001 Aguinaldo Silva Ricardo Linhares																			
Homossexualidade feminina		O CLONE 1/10/2001 - 15/6/2002 Glória Perez																			
Homossexualidade masculina		ESPERANÇA 17/6/2002 - 15/2/2003 Benedito Ruy Barbosa Walcyr Carrasco																			
Relacionamento entre membros da família (primos, cunhados...)	X X	MULHERES APAIXONADAS 17/2/2003 - 11/10/2003 Manoel Carlos	X																		
Relacionamento extracônjugal ou estável com traição feminina		CELEBRIDADE 13/10/2003 - 26/6/2004 Gilberto Braga																			
Relacionamento extracônjugal ou estável com traição masculina	X	SENHORA DO DESTINO 28/6/2004 - 12/3/2005 Aguinaldo Silva																			
Relacionamento extracônjugal ou estável com traição masculina e que tem como resultado nascimento de filho	X	AMÉRICA 14/03/2005 - 05/11/2005 Glória Perez																			
Relacionamentos curtos e descartáveis com nascimento de filhos, fora do casamento	X X	BELÍSSIMA 07/11/2005 - 08/07/2005 Sílvio de Abreu																			
	X	PÁGINAS DA VIDA 10/07/2006 - 02/03/2007 Manoel Carlos																			
	X X	PARAÍSO TROPICAL 05/03/2007 - 28/09/2007 Gilberto Braga Ricardo Linhares																			
	X X	DUAS CARAS 01/10/2007 - 31/05/2008 Aguinaldo Silva																			
	X X X	A FAVORITA 02/06/2008 - 16/01/2009 João Emanuel Carneiro																			
	X X	TOTAL DE CASOS																			29

Tabela com a relação das treze novelas da Rede Globo, exibidas às 21 horas, entre 2000 e 2008, e os tipos de relacionamentos amorosos e/ou sexuais apresentados por suas tramas.

femininos e masculinos; f) relacionamentos amorosos e/ou sexuais frutos da prostituição de ambos os sexos, seja por prazer ou necessidade; g) relacionamentos amorosos e/ou sexuais entre gerações (mulheres mais velhas com jovens rapazes e homens mais velhos com jovens do sexo feminino); h) relacionamentos amorosos e sexuais onde pais e filhos se apaixonam pela mesma pessoa; i) relacionamentos estáveis, mantidos muitas vezes pelo casamento, que terminam, mas são reconstruídos tantas vezes forem necessárias, segundo o interesse do personagem; e j) relacionamentos bissexuais.

Ao analisar cada novela – por meio da sinopse divulgada pela própria emissora – é possível quantificar cada tipo de relacionamento. A busca de um relacionamento estável, calcado na maioria das vezes no casamento, no qual os personagens casam e se separam tantas vezes forem necessárias para alcançar a suposta felicidade (32 casos), e o relacionamento curto e descartável heterossexual com o nascimento de filhos, fora do casamento, (29 casos), são os dois tipos mais frequentes.

Em seguida, merecem destaque os relacionamentos em que o homem e a mulher têm vários parceiros ao longo da trama, reforçando os estereótipos do homem *conquistador* e da mulher *fácil* (20 casos); relacionamentos oriundos de traição masculina com ou sem nascimento de filhos (16 casos); relacionamentos frutos da prostituição feminina ou masculina (13 casos), por prazer ou necessidade; relacionamentos homossexuais (12 casos); relacionamentos entre membros da mesma família (11 casos); relacionamentos de mulheres mais velhas com homens mais jovens (10 casos).

Em grande parte das tramas, esses relacionamentos descritos compõem, senão o tema central, o enredo das narrativas dos diferentes núcleos da novela. Vivenciados por atores e atrizes que, ao longo do tempo, conquistam a simpatia do público, os relacionamentos instigam o telespectador, trazendo à tona questões da vida privada para a pública e vice-versa.

Dentro de contextos narrativos particulares, alguns relacionamentos – vistos até então com preconceitos pela audiência – são debatidos e discutidos, ganhando novas análises e, dependendo da condução da trama, chegando a ser reavaliados e reinterpretados pelos próprios telespectadores. O relacionamento amoroso, a orientação sexual ou a condução da vida do personagem viram, inclusive, matéria de capa de jornais e revistas, bem como de programas de TV. O assunto entra na pauta das discussões nacionais.

Na já citada novela *Mulheres Apaixonadas*, os telespectadores foram apresentados a um casal de adolescentes lésbicas, Clara e Rafaela. Na obra, a mãe de uma delas combatia ferozmente o que chamava de *inclinação homossexual da filha*. Ela fazia isso de tal forma, que o relacionamento entre as duas adolescentes despertava ojeriza no telespectador.

Mas, ao mesmo tempo, o autor Manuel Carlos mostrava a personagem Helena, professora das meninas, que compreendia o relacionamento e impedia que houvesse maior discriminação, pelo menos na escola. Aos poucos, o sentimento de ojeriza foi cedendo lugar ao sentimento de respeito e compreensão. A

história era contada com cuidado. Em nenhuma cena, por exemplo, as meninas se beijaram na boca, exceto no último capítulo da novela.

“Não ia fazer com que elas dessem um beijo de amor na frente das câmeras. Então, eu as fiz interpretar a cena da peça *Romeu e Julieta*, na qual uma delas, vestida de Romeu, beijava a outra, vestida de Julieta. Há sempre uma maneira sensível e sensata de fazer com que as pessoas, que a princípio ficam um pouco com o pé atrás, embarquem naquilo. A TV Globo recebeu inúmeras cartas de mães que passaram a entender as filhas”⁴, afirmou Manuel Carlos, acrescentando que muitas das tramas criadas por ele são inspiradas na vida real.

HISTÓRIAS DA TV OU DA VIDA REAL?

Os estudos dos sociólogos Bauman, Singly e Giddens⁵, embora tomem direcionamentos distintos, se aproximam e se complementam para mostrar que as telenovelas, ao publicizarem esses diferentes tipos de relacionamentos amorosos e/ou sexuais, estão retratando, na prática, a grande transformação pela qual passa a sociedade do início do século XXI.

Tomando como base as reflexões de Bauman, no livro *Modernidade líquida*; de Singly, em *Sociologia da família contemporânea*; e de Giddens, em *A transformação da intimidade*; fica claro que os três autores têm como ponto de partida a identificação de um novo indivíduo que está à procura de uma liberdade, num mundo em transformação. Liberdade traduzida por meio de suas aspirações, desejos e ações. Liberdade traduzida, nesta breve reflexão, nos mais diversos e possíveis relacionamentos amorosos e/ou sexuais.

Bauman afirma que este novo indivíduo está inserido no que ele chama de modernidade líquida, num mundo em que não há mais limites nem instituições que deem conta de normas e regras. A modernidade líquida produz uma nova condição humana, pela e na qual o indivíduo é o senhor do seu próprio destino e, nesse sentido, pode escolher à vontade seus próprios modelos de felicidade e de modo de vida adequados. Para Bauman, o indivíduo tem diante de si um mundo cheio de possibilidades infinitas.

(...) é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos. Os comensais são consumidores, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha⁶.

Para que essa mesa de bufê continue abundante, Bauman explica que nenhum prato deve ser capaz, portanto, de conquistar o paladar eterno do indivíduo. “Melhor que permaneçam líquidas e fluidas e tenham ‘data de validade’, caso contrário poderiam excluir as oportunidades remanescentes e abortar o embrião da próxima aventura”⁷.

Todos os tipos de relacionamentos amorosos e/ou sexuais apresentados pelas telenovelas são um reflexo do que a modernidade líquida traz consigo.

4. FIUZA, Silva. *Autores histórias da teledramaturgia*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008. p. 84.

5. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001; GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1992; SINGLY, François. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

6. BAUMAN, op. cit., p. 75.

7. Ibid., p.74.

Uma modernidade líquida que proporciona aos indivíduos a possibilidade de fazerem as mais diversas escolhas, sem o sentimento do certo ou do errado, sem que haja por trás uma moral que distinga os indivíduos por suas decisões: pode ser experimentar a traição, o adultério, mantendo uma relação estável e prazerosa com o cônjuge. Em outro capítulo, uma relação sexual com um parente próximo. No próximo, a prostituição por prazer ou um caso homossexual e heterossexual ao mesmo tempo. E, por fim, se apaixonar pelo namorado(a) da(o) mãe(pai). Tudo é permitido e não há nenhum obstáculo ou resistência.

Na novela *Duas Caras*, em 2008, Aguinaldo Silva apresenta ao público os personagens Dália, Bernadinho e Heraldo. O trio chama a atenção dos telespectadores, pois os três passam a viver juntos, dormindo na mesma cama. O fato ocorre depois que Dália fica grávida e não sabe qual dos dois é o pai da criança. Dália namora Heraldo, mas certa noite tem uma relação sexual com Bernadinho, homossexual que lhe tinha ajudado a se livrar das drogas. Ao nascer, a criança acaba sendo registrada com o nome dos dois pais. Mas Bernadinho deixa a casa, pois casa-se com Carlão, paixão antiga com quem já havia tido um envolvimento.



Os personagens Bernadinho e Carlão, vividos pelos atores Thiago Mendonça e Luguí Palhares, na novela *Duas Caras*.

Divulgação Rede Globo

Ao trazer esta modernidade líquida para a narrativa do folhetim, as novelas, seguindo as reflexões de Bauman, legitimam o discurso público (desta mesma modernidade líquida) sobre as questões da vida privada. Torna o indizível dizível; o vergonhoso, decente; e transforma o feio segredo em questão de orgulho. Os folhetins funcionam como rituais de exorcismo. Por meio das telenovelas, o indivíduo pode falar abertamente sobre as coisas que ele pensa e faz, consideradas – talvez por muitos – infames e infamantes e que deveriam, portanto, permanecer secretas. Com a publicização da teledramaturgia, o secreto deixa de existir e ganha o conforto da absolvição. O indivíduo não precisa mais se sentir “envergonhado ou temeroso de ser desprezado, condenado por impudência ou relegado ao ostracismo”⁸.

Penso que os conceitos de modernidade líquida e do indivíduo que dela emerge explicam os vários tipos de relacionamentos amorosos e/ou sexuais do nosso cotidiano. Relacionamentos que são, portanto, trabalhados e apresentados pelas telenovelas de tal forma que acabam sendo (re)analisados e aceitos ou vistos como compreensíveis, mesmo ainda enfrentando as resistências de um mundo calcado nos antigos preceitos de uma sociedade ocidental, católica, patriarcal e machista.

A modernidade líquida explica essa permeabilidade que os personagens das tramas vivem no campo do sexo e do amor, sempre em busca de uma dada felicidade individual, na qual não devem existir barreiras, obstáculos ou imposições sociais que freiem, limitem ou abortem suas respectivas conquistas.

8. *Ibid.*, p. 82.

Na novela *Senhora do Destino*, de Aguinaldo Silva, veiculada em 2004, o personagem Plínio é um jovem mulherengo que não quer saber de trabalho e só pensa em curtir a vida. No entanto, ele acaba caindo na *armadilha* da inde-

Divulgação: Rede Globo



Na novela *América*, a adolescente Lurdinha, interpretada por Cléo Pires, se envolve com Glauco, personagem de Edson Celulari, pai de sua amiga.

pendente Yara, mulher mais velha, que quer ser mãe e o escolhe como *pai de aluguel*, sem ao menos consultá-lo. Já na novela *América*, de Glória Peres, exibida em 2006, o personagem Glauco, casado com Haydée e pai de Raíssa, larga o casamento e abre mão de tudo para viver um amor com a jovem sedutora Lurdinha, amiga de sua filha. A mesma telenovela apresenta também a personagem Creusa, uma beata que se diz religiosa e recatada, mas que mantém encontros secretos com desconhecidos, usando apenas uma *lingerie*.

“Como se explica que ações sexuais que um dia foram tão severamente condenadas, e às vezes permanecem formalmente ilegais, sejam hoje tão extensamente praticadas e, em muitos círculos, ativamente estimuladas?”⁹ A pergunta que Giddens se faz no livro *A transformação da intimidade* traz um complemento à concepção de modernidade líquida, apresentada por Bauman, ao revelar que, neste mundo moderno, a sexualidade tem sido descoberta e revelada, propiciando o desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. Segundo Giddens, a sexualidade é algo que cada um de nós tem, ou cultiva. Não é mais, portanto, uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido.

Sem entrar na questão de que vivemos ou não num mundo de anomia, tal como afirma Bauman, Giddens explica que a sociedade moderna traz consigo o que ele chama de sexualidade plástica, ou seja, a sexualidade liberada de sua ligação intrínseca com a reprodução. É a partir desta dissociação do sexo como reprodução que emerge a chamada sexualidade plástica, ponto de partida para uma revolução sexual sem precedentes.

A sexualidade torna-se assim maleável, sujeita a diversas formas, sendo uma *propriedade* potencial do indivíduo. Giddens afirma que os indivíduos passam a vivenciar relacionamentos puros, relacionamentos em que as pessoas entram em uma relação apenas pela própria relação, pelo que pode ser usufruído por cada pessoa de uma associação com a outra. Esse relacionamento só continua existindo enquanto ambas as partes considerarem que dele extraem satisfações suficientes para nele permanecerem.

O relacionamento puro dá vazão ao que Giddens classifica de amor confluyente, que está ligado às inúmeras possibilidades que são ofertadas ao indivíduo. Para o autor, o amor confluyente é um amor ativo que se contrapõe ao amor *para sempre e único*. O amor confluyente está calcado na aceitação, por parte

9. GIDDENS, cit., p. 43.

dos parceiros, de que cada indivíduo obtenha, da relação amorosa, benefício suficiente que justifique a sua continuidade. Do contrário essa relação, esse amor confluyente, termina, sem ressentimentos ou culpas. Uma vez terminada a relação, o indivíduo está pronto e aberto para novas experiências, para novos amores, para novos relacionamentos.



Interpretada por Cláudia Raia, a personagem Safira aparece, nesta cena da novela *Belíssima*, agarrada ao borracheiro Pascoal (Reynaldo Gianecchini).

Na novela *Belíssima*, de autoria de Silvio de Abreu, exibida em 2005, Safira era filha de Murat e Katina. Ela foi casada cinco vezes. Primeiro com um italiano, depois com um português, mais tarde com um judeu, logo após com o mesmo italiano, e, em seguida, com um japonês. Cada um dos seus três filhos é de um pai diferente. No início da história, ela está casada com Takae, o japonês, mas se separa dele e se

apaixona por Pascoal. No mesmo folhetim, encontra-se também Giovanna, filha de Safira. Seu grande amor é o primo Mateus. No entanto, Mateus é um jovem bonito e muito sedutor que finge ser estudioso, mas trabalha como garoto de programa. Uma de suas fiéis clientes é Ornela, uma mulher madura e experiente que acaba se apaixonando pelo rapaz.

Em *Laços de Família*, exibida em 2000, Manuel Carlos conta a história da personagem Helena, que se apaixonou por Edu, um rapaz também bem mais novo. Os dois iniciam uma relação. No entanto, aos poucos, Helena percebe que sua filha, Camila, está apaixonada por Edu e vice-versa. Helena resolve terminar com Edu para deixar o caminho livre. Depois de algum tempo, ela se envolve com Miguel, um senhor de sua faixa etária. Porém, se afasta dele, pois precisa engravidar do pai de Camila. Um transplante de medula ósea – de um irmão de sangue – seria a única alternativa para salvar sua filha Camila, que contrai leucemia. Helena é então levada a revelar que Camila é, na verdade, sua filha com seu primo, Pedro. Para salvá-la, Helena tem uma nova relação sexual com Pedro, que também se separa de sua companheira. Helena dá à luz a menina Vitória, que salva a irmã Camila. No final da trama, Miguel reaparece e a pede em casamento.

Já em *A Favorita* (2008), o autor João Emanuel Carneiro conta a história de Orlandinho, personagem homossexual da trama que não tem coragem de assumir sua orientação sexual. Ele passa metade da novela apaixonado e correndo atrás do amor de seu amigo Halley, heterossexual. No entanto, para

esconder a homossexualidade de sua família, casa-se, de fachada, com Maria do Céu, que está grávida de Halley. É um casamento de interesses. Mas, como o passar dos dias, Orlandinho e Maria do Céu tornam-se amigos e cúmplices. Acabam se apaixonando. Orlandinho orienta-se para a heterossexualidade.

Embora os relacionamentos amorosos e/ou sexuais apresentados nas novelas tragam este *novo* indivíduo, mergulhado na concepção da modernidade líquida (Bauman) e *dono* de sua *própria sexualidade*, destituída da função reprodutiva e à procura de um relacionamento puro (Giddens), eles revelam, nas entrelinhas, que, muitas vezes, esse indivíduo fica em dúvida entre o apostar em novos relacionamentos e a suposta segurança, ofertada pelas antigas tradições, traduzidas mais fortemente pela segurança da instituição família.

Nesse sentido, faz-se necessário somar às análises de Bauman e Giddens, as reflexões do sociólogo Singly. Ao analisar as transformações por que passaram as famílias ao longo das décadas finais do século XX, o autor, a exemplo de Bauman e Giddens, também identifica um novo indivíduo. Porém, um indivíduo que está à procura de liberdade, mas que, na prática, é prisioneiro de sua própria liberdade.

Singly diz que os indivíduos querem, ao mesmo tempo, ter asas e criar raízes. Ou seja, esse indivíduo está inserido na modernidade líquida, onde quer experimentar todos os pratos do bufê, sem receio de estar certo ou errado, sempre pronto a uma nova aventura. Indivíduo que também quer participar da revolução sexual, que quer se doar por inteiro em um relacionamento puro que o permita se satisfazer, independente do parceiro ou da relação.

Mas também um indivíduo, segundo os estudos de Singly, que quer se ancorar, que quer se cercar de uma segurança. Um indivíduo que quer estar só vivendo junto. Um indivíduo que está à procura de um equilíbrio entre as exigências de autonomia e de segurança. O indivíduo de Singly está em uma eterna busca da liberdade, da liberdade que melhor se encaixa com o seu desejo de estar só e viver junto, no seu desejo de buscar elos fortes sem que eles ameacem a sua liberdade.

Nas tramas das novelas percebe-se fortemente, muitas vezes, essa luta interna dentro de cada personagem, mesmo que ele, na prática, vivencie e aposte em diversos e diferentes tipos de relacionamentos. Embora os personagens estejam sempre à procura de satisfação – seja ela de cunho amoroso ou simplesmente sexual –, fica subtendido o forte sentimento que todos têm, lá em seu íntimo, de um dia alcançar ou chegar à felicidade, no final feliz da novela, muitas vezes traduzida numa relação estável, dentro de uma suposta legalidade e aceitação pública. Um indivíduo que quer ter asas e criar raízes.

TELENOVELAS: JANELAS OU ESPELHOS?

A partir destas reflexões, pode-se perceber que as relações amorosas e/ou sexuais da atualidade – justificadas e explicadas pelas reflexões dos três sociólogos – são, na prática, um terreno fértil de criação e/ou adaptação dos autores

das telenovelas. Os autores se valem das transformações pelas quais a sociedade atravessa para dar vida às suas histórias, aos seus folhetins diários.

Pode-se afirmar então que os relacionamentos amorosos e/ou sexuais apresentados pelas telenovelas são um reflexo do que se passa na sociedade, mas, ao serem veiculados pela TV, exercem forte impacto.

Nesse sentido, como é que crianças e jovens absorvem o conteúdo apresentado? Como crianças e jovens – receptores ativos que formulam e reformulam o que veem na TV com todo o seu aporte sociocultural e econômico de contexto de vida – interpretam tais cenas? O que essa variedade de relacionamentos amorosos e/ou sexuais veiculados pelos folhetins diz para as novas gerações e de que forma influencia suas próprias escolhas?

Creio que esses relacionamentos amorosos e/ou sexuais incidem sob crianças e jovens como estilos de vida e identidade que podem ser adotados por eles, independentemente da posição social, da idade e do contexto sociocultural e econômico em que se encontram. Crianças e jovens, a exemplo dos adultos, podem ser seus próprios árbitros na condução de suas escolhas amorosas e/ou sexuais.

Da mesma forma, acredito que sob diferentes rótulos, calcados na sensualidade, no erotismo, no corpo, na beleza estética, na fama e no sucesso, esses relacionamentos amorosos e/ou sexuais acabam sendo interpretados como objetos de consumo, como uma moda que pode ser comprada, utilizada e descartada a qualquer momento e pelo prazo que lhe convier. O amor, o sexo, o corpo como mercadoria, objeto de consumo. O relacionamento como negócio.

Essa interpretação tende a fazer com que o individualismo, o hedonismo, o narcisismo e o egocentrismo encontrem um terreno fértil para o seu crescimento e fortalecimento. As relações amorosas e/ou sexuais existem apenas para satisfazer o *eu*, para a realização do *eu*. O *outro* é apenas um suporte, um instrumento para a satisfação do *eu*. Preocupar-se com o *outro*, com o *próximo* não faz sentido, não é necessário.

Em sua tese de doutorado *Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade*, defendida pelo Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)¹⁰, a professora Jacqueline Cavalcanti Chaves, ao analisar os relacionamentos amorosos entre os jovens, destaca que os adolescentes estão cada vez mais pragmáticos quando o assunto é amor. Segundo Chaves, os jovens até falam de um amor eterno, mas têm clareza de que isto é uma coisa muito difícil de acontecer. Eles têm uma visão muito mais pragmática da relação amorosa. Uma visão menos romântica, menos idealizada. Mais condizente com a vida cotidiana deles. Eles esperam viver um amor, mas de uma forma muito mais concreta, no sentido de que nós nos amamos enquanto existe um compartilhamento de interesses sexuais, afetivos, amorosos. O amor existe enquanto existir esta confluência de interesses e de satisfação. No momento em que esta satisfação acaba ou não é mais atendida, não existe razão para continuar o relacionamento. Alguma coincidência com as tramas das novelas?

Se as relações amorosas e/ou sexuais do início do século XXI – vivenciadas no dia a dia e apresentadas e reapresentadas pelas e nas telenovelas como uma

10. CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. *Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade*. Jacqueline Cavalcanti Chaves. Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade). Rio de Janeiro: UFRJ. Instituto de Psicologia, 2004. 212 fls. Disponível em: <http://teses.ufrj.br/ip_d/jacquelinechaves.pdf>.

moda efêmera – estabelecem um novo indivíduo, novas formas de ser e estar no mundo e novas formas de se relacionar com o outro, qual é o papel da escola?

De que forma a escola trabalha – ou pode trabalhar – com essas questões amorosas e sexuais do mundo de hoje que exercem impacto sob o cotidiano dos alunos e muitas vezes são reforçadas pela mídia? O que a escola faz – ou pode fazer, por exemplo – diante do namoro entre os seus alunos? De que forma lida com os modismos, como o beijo entre as meninas? Como aborda a questão do erotismo e da homossexualidade masculina e feminina? De que maneira trabalha com o corpo, com a sensualidade, com as relações amorosas e/ou sexuais de crianças e jovens?

Oficialmente, verifica-se que o debate sobre a relação amorosa e/ou sexual, tal como é apresentada pelas novelas, não encontra espaço na sala de aula. A escola limita-se a discutir a sexualidade sob o ponto de vista reprodutivo, o que ocorre quase sempre nas aulas de ciências. É a chamada “educação sexual”, tema transversal instituído pelo Ministério da Educação por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

No artigo *Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais*, a professora Helena Altman afirma que os PCNs incitam a escola a construir e mediar a relação do indivíduo consigo mesmo, de modo a fazer com que a criança e/ou o jovem tome a si mesmo como objeto de cuidados. Ela afirma que

parece haver um complexo aumento do controle sobre os indivíduos, o qual se exerce não tanto através de proibições e punições, mas através de mecanismos, metodologias e práticas que visam a produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade¹¹.

Em sua tese de doutorado *Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola*, Altman destaca que a relação sexual acaba constantemente “vinculada à reprodução – nem que seja para evitá-la – e não ao prazer ou às relações entre pessoas, independentemente da sua orientação sexual”¹². “A não legitimidade de determinadas formas de relação, como uma relação sexual entre dois ‘ficantes’ ou entre homossexuais”¹³, dificulta o acesso de crianças e jovens à informação e a preservativos, assim como intervém negativamente em sua utilização. Diria mais: a não legitimidade – ou sequer discussão – de determinados relacionamentos amorosos e/ou sexuais distancia a escola da realidade dos alunos, realidade que encontra eco, apoio, semelhanças, influências e, às vezes, respaldo nas novelas.

As duas professoras revelam que fica de fora das escolas a discussão sobre os relacionamentos extraconjugais, inclusive com o nascimento de filhos, reforçando o machismo ou, então, o *direito* que a mulher também tem, nos dias de hoje, de trair o seu cônjuge; sobre os relacionamentos entre membros da mesma família; sobre os relacionamentos curtos e descartáveis, nos quais o objetivo é apenas a satisfação sexual; sobre o individualismo, o narcisismo, o hedonismo, o egocentrismo; sobre os casos de homossexualidade e prostituição de ambos os sexos e por prazer ou necessidade; sobre os relacionamentos amorosos e/ou sexuais entre gerações; sobre o uso do corpo, dos padrões de beleza e da sensualidade como moeda de troca.

11. ALTMAN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Estudos feministas*, ano 9, 2ª sem. Florianópolis, SC: 2001, p. 584. Disponível em: < <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-044904altmann.pdf>>.

12. Id. *Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola*. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, 2005. 226 f. p. 173. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1827/1/tese.pdf>>.

13. *Ibid.*, p. 178.

Ao deixar a discussão do lado de fora, a escola perde uma grande oportunidade não apenas de discutir a educação sexual, proposta pelos PCNs, mas também de debater questões importantes, atuais e cruciais no desenvolvimento das crianças e, principalmente, dos jovens. Discussões que poderiam ser ponto de partida para uma infinidade de análises e reflexões que têm a ver com o respeito a si mesmo e ao próximo.

Os relacionamentos ficam por conta dos folhetins, das tramas das novelas e do que é vivenciado na vida real. Vida real que é, muitas vezes, influenciada, impactada e transformada pelo poder da narrativa das telenovelas. Vida real que é a base do poder da narrativa das telenovelas.

Enfim, seriam as telenovelas um mero entretenimento?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, J. Martín; REY, Germán. **Os exercícios do ver**. São Paulo: Senac, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O mito na sala de jantar**. Porto Alegre: Movimento, 1984.

FUENZALIDA, Valério. **Televisión abierta y audiéncia em América Latina**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1992.

OROZCO, Guillermo G. **Televisión, audiéncias y educación**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

SINGLY, François. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

VILCHES, Lorenzo. **La televisión: los efectos del bien y del mal**. Barcelona: Piados, 1993.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

ALTMAN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Estudos Feministas**, ano 9, 2º sem. Florianópolis, SC: 2001. p. 584. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-044904altmann.pdf>>.

_____. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, 2005. 226f. p. 173. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1827/1/tese.pdf>>.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. **Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade**. Jacqueline Cavalcanti Chaves. Tese (Doutorado em

Psicologia Social e da Personalidade). Rio de Janeiro: UFRJ. Instituto de Psicologia, 2004. 212 fls. Disponível em: <http://teses.ufrj.br/ip_d/jacquelinecchaves.pdf>.

MENDONÇA, Martha. Alberto Chong – As telenovelas moldaram o Brasil. Economista do BID afirma que a novela ajudou o país a aceitar o divórcio e a criar famílias menores. **Época**, n. 561, 16 fev. 2009. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI26593-15228,00_ALBERTO+CHONG+AS+TELENOVELAS+MOLDARAM+O+BRASIL.html>.

<<http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2003/not20030827p8846.htm>>.